

ENTRE O AUTORITARISMO E A DEMOCRACIA: O INTEGRALISMO DURANTE A DITADURA MILITAR E OS DESAFIOS ATUAIS DA REEMERGÊNCIA DE MOVIMENTOS NACIONALISTAS PRÓ-INTEGRALISTAS NO BRASIL

ENTRE AUTORITARISMO Y DEMOCRACIA: EL INTEGRALISMO DURANTE LA DICTADURA MILITAR Y LOS DESAFÍOS ACTUALES DEL RESURGIMIENTO DE LOS MOVIMIENTOS NACIONALISTAS PROINTEGRALISMO EN BRASIL

Recebido em: 08/09/2024

Aceito em: 14/11/2024

Publicado em: 29/01/2026

Aline Michele Pedron Leves¹ 
Universidade Federal do Pampa

Bianca Bonfim Ferreira de Souza² 
Universidade Federal do Pampa

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar a atuação do movimento integralista, desde sua origem até a contemporaneidade no Brasil, buscando verificar se houve seu desaparecimento no período da ditadura militar. Inicialmente, é feita a exposição da pertinência temática, abordando o contexto político. Após, um breve apanhado histórico do movimento integralista, com o esclarecimento de conceitos importantes ao conteúdo. Em seguida, o aprofundamento das atividades integralistas durante a ditadura militar. E, por fim, se analisam quais os desafios impostos pela reemergência de movimentos nacionalistas pró-integralistas no Brasil atual. O método científico empregado foi o hipotético dedutivo, mediante a abordagem qualitativa e a técnica de pesquisa bibliográfica e documental, em que se investigam conceitos com vistas à construção da base teórica. Conclui-se que o movimento integralista persistiu durante o momento democrático por meio da educação e da cultura, não buscando mais organizar-se como um partido político, mas sim como um movimento intelectual. Este ressurgimento destaca a complexidade das ideias integralistas no contexto atual.

Palavras-chave: Democracia; Ditadura Militar; Integralismo; Nazifascismo; Neointegralismo.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo analizar la actuación del movimiento integralista, desde sus orígenes hasta la época contemporánea en Brasil, buscando verificar si desapareció durante el período de la dictadura militar. Inicialmente se explica la relevancia temática, abordando el contexto político. Posteriormente, una breve reseña histórica del movimiento integralista, con la aclaración de conceptos importantes para el contenido. Luego, la profundización de las actividades integristas durante la dictadura militar. Y, finalmente, se analizan los desafíos que plantea el resurgimiento de movimientos nacionalistas prointegralistas en el Brasil actual. El método científico utilizado fue hipotético deductivo, utilizando un enfoque cualitativo y la técnica de la investigación bibliográfica y documental, en la que se investigan conceptos con miras a construir la base teórica. Se concluye que el movimiento integralista persistió durante el momento democrático a través de la educación y la cultura, buscando ya organizarse como un partido político, sino como un movimiento intelectual. Este resurgimiento pone de relieve la complejidad de las ideas integralistas en el contexto actual.

¹ Doutora, com Pós-Doutorado em Direito PEPEEC PDPG/CAPES, e Mestra pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Direito – Mestrado e Doutorado em Direitos Humanos – da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ). Professora efetiva adjunta do Curso de Direito da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Campus São Borja/RS. Advogada (OAB/RS) junto ao Núcleo de Práticas Jurídicas (NPJ) da UNIPAMPA-SB. Coordenadora do Projeto enCINE Direito - UNIPAMPA-SB. E-mail: alineleves@unipampa.edu.br

² Graduada em Direito pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Campus São Borja/RS. E-mail: biancabdireito@gmail.com

Palabras-clave: Democracia; Dictadura Militar; Integralismo; Nazifascismo; Neointegralismo.

INTRODUÇÃO

Ao refletir sobre o recente cenário político brasileiro, é possível observar, além da polarização, o retorno às antigas e conhecidas ideologias ufanistas estatais. Dentre estas, o integralismo nacionalista se destaca e retorna à cena política do país. Como um movimento criado por Plínio Salgado em 07 de outubro de 1932, no estado de São Paulo, o integralismo possuía como características primordiais ser um grupo cristão, nacionalista, autoritário, conservador e anticomunista.

De forma bastante simplista, o integralismo pode ser resumido em seu lema: “Deus, pátria e família”, o qual foi resgatado como *slogan* – com o acréscimo “liberdade” – de campanha presidencial no ano de 2018 por Jair Messias Bolsonaro, o qual venceu o pleito eleitoral. Além disso, a Ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos de seu governo (2018-2022) admitiu, publicamente, se identificar com os pilares do integralismo, nomeando, inclusive, Paulo Fernando Melo da Costa como assessor do Ministério, conhecido por sua atuação na Frente Integralista Brasileira.

O movimento denominado bolsonarismo, que é a maior e mais eficaz reorganização da extrema direita brasileira, rememora e, ao mesmo tempo, atenua os horrores cometidos durante o período da ditadura militar brasileira, flertando de maneira intimista com doutrinas nazifascistas. Seus impactos reverberam tanto dentro como fora do país, na medida em que estimula polêmicas midiáticas de ordem nacional e internacional.³

Há comentaristas políticos que dizem terem sido “pegos de surpresa” com a candidatura de Jair Messias Bolsonaro e sua posterior eleição a Presidente da República. Fato é que os movimentos autoritários cresceram no país, acompanhando o recrudescimento do nacionalismo político no Ocidente, e encontraram voz em promessas ufanistas, saudosistas e forjadoras da falsa ideia de “salvação da pátria”. Recentemente, ocorreu um debate em diversas plataformas de comunicação sobre a possibilidade de criação de um partido nazista, tese esta defendida pelo apresentador Monark. Todavia, não existe a menor viabilidade que seja para a candidatura de nazistas no processo democrático brasileiro.

³ “A publicização do pensamento social conservador cristão, por parte do deputado Bolsonaro, estimulou polêmicas na mídia internacional, ao homenagear, durante o processo de votação da Câmara dos Deputados pelo impeachment da presidenta Dilma Rousseff, o reconhecido torturador coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra” (Lanza; Neves Júnior; Oliveira, 2018, p. 190).

A revista *The Economist Intelligence Unit* publica anualmente o índice de democracias pelo mundo. Os países são avaliados com base em cinco aspectos, sendo eles as características do processo eleitoral e pluralismo, o funcionamento do governo, a participação política da população, a cultura política e as liberdades civis. No índice publicado em 2022, o Brasil caiu em 4 posições em relação ao ano anterior. Esta queda se dá pela polarização política e pelo crescimento do autoritarismo, que não acontece de forma distinta nos demais países, pois os índices apontam para um declínio da democracia global. Deste modo, o Brasil está se afastando dos fundamentos de uma República Federativa, estabelecidos no artigo 1º da Carta Magna, com destaque para o pluralismo político.

Ocorre que os efeitos da necropolítica existente no país vão além da repercussão em dados, resultando em casos concretos carregados de violência que transpassa toda a sociedade brasileira. Exemplo é o ataque à bomba à produtora do canal Porta dos Fundos, no ano de 2019, cometido por um membro do comando de insurgência popular nacionalista da família integralista brasileira, sendo o ato justificado pela publicação do especial de natal satírico em que Jesus Cristo foi retratado como homossexual. Além disso, o Conselho Nacional de Direitos Humanos preocupa-se com o crescimento de grupos nazifascistas no Brasil, com ênfase para o aumento de ataques em escolas, cujos atiradores bebem na fonte dos movimentos pró-integralistas, anti-imigração, pró-conservadorismo, dentre outros que estampam posicionamentos nacionalistas muitas vezes divergentes, mas, sobretudo, antagônicos aos preceitos fundamentais das sociedades democráticas.

Diante desta breve contextualização temática, o estudo emerge do seguinte problema de pesquisa: quais os desafios impostos pela reemergência de movimentos nacionalistas pró-integralistas no Brasil? Como hipótese embrionária deste questionamento, tem-se que o recrudescimento do autoritarismo nacional enfraquece os pilares fundamentais da democracia, ao passo em que trazem à tona um conjunto de ações violadoras de direitos humanos que se escondem por detrás de conservadorismos ufanistas. Este é o motivo pelo qual o presente estudo se justifica, tendo em vista a ascensão da extrema direita no Brasil, a qual criou um cenário político favorável e profícuo para a exposição e reorganização do movimento integralista, em especial no contexto das redes sociais.

À vista disso, objetiva-se, de forma geral, compreender a origem do integralismo, suas motivações e transformações, utilizando-se de um recorte temporal da ditadura militar até os dias atuais, a partir do método de procedimento histórico-comparativo, com o propósito de

observar a influência do movimento sigma na política brasileira hodierna. Quanto aos objetivos específicos, analisados nas três seções do desenvolvimento do artigo, pretende-se: a) conceitualizar e contextualizar historicamente o movimento integralista brasileiro; b) discorrer sobre o período da ditadura militar no Brasil e o processo de redemocratização; c) analisar a reemergência do neointegralismo nacionalista autoritário, seus impactos e desafios impostos à democracia brasileira da atualidade.

Para tanto, através do emprego do método científico hipotético-dedutivo e da técnica procedimental de pesquisa bibliográfica, este estudo exploratório, de abordagem qualitativa e natureza básica recorre-se à distintos referências teóricas, disponíveis em variadas plataformas e mídias digitais, com o propósito de investigar conceitos, bem como de dinamizar a absorção e a análise do conteúdo que se delimita à temática do movimento integralista. A temporalidade se restringe à comparação da origem do integralismo e sua reemergência no Brasil atual.

Neste sentido, optou-se por aplicar o método de procedimento histórico-comparativo, uma vez que o tema gira em torno de um fenômeno político que marcou a história nacional, comparando o passado com o presente para traçar um paralelo de possibilidades capazes de enfrentar os desafios emergentes às democracias contemporâneas. Assim, o estudo emprega o método hipotético-dedutivo – que se faz perfectível por meio do levantamento de um problema e o apontamento de uma ou mais hipóteses que são corroboradas ou refutadas após investigação de resultados capazes de fornecer conclusões específicas –, e elenca conceitos que resultam na análise da articulação do movimento integralista mediante a técnica bibliográfica e documental.

ANÁLISE HISTÓRICA-CONCEITUAL DO INTEGRALISMO

Para o enfrentamento do tema, faz-se necessário, inicialmente, uma compreensão clara acerca do conceito de integralismo, o qual se distingue do nazismo e do fascismo. Criado em 1932 pelo jornalista e escritor Plínio Salgado, o integralismo foi, conforme Pedro Doria (2020), o maior movimento fascista fora da Europa, articulando-se politicamente por meio da Ação Integralista Brasileira (AIB) até o ano de 1937, quando entrou na clandestinidade.

Para fins didáticos, podemos discernir quatro momentos históricos da trajetória do integralismo: o primeiro, da AIB, de 1932 até 1938; o segundo, da clandestinidade, entre 1938 a 1945; o terceiro, do PRP, de 1945 a 1965; e quarto, que optamos por chamar de “declínio e pulverização”, de 1965 até os dias de hoje (Dotta, 2012, p. 2).

O movimento desempenhou papel fundamental em dois momentos autoritários do Brasil: no Estado Novo 1937-1945) e durante a ditadura militar (1964-1985), apoiando ambos. Em entrevista concedida a Marcello Scarrone (2010, s.p.) da Revista de História, Héglio Trindade, autor da obra *“Integralismo: o fascínio brasileiro na década de 1930”* e um dos principais nomes em estudos do movimento sigma no Brasil, o integralismo assemelha-se ao fascismo na medida em que “não só é claro na ideologia, mas também na sua organização: o Chefe nacional, o juramento ao Chefe, os rituais, a estrutura da milícia, a concepção de Estado e a definição dos inimigos (liberalismo, socialismo, capitalismo internacional, judaísmo)”.

Com efeito, o integralismo pode ser entendido não como a reprodução fiel ao fascismo italiano e sim a tentativa de adequar o fascismo à realidade brasileira. Do mesmo modo, o movimento possui inspirações nazistas, ainda que mais distantes, uma vez que o contexto populacional do Brasil não admite o ideário do arianismo, ponto central para a ideologia nazista. Os estudos que exploraram as relações entre o nazismo e o integralismo divergem entre si, uma primeira corrente acreditou no separatismo entre os dois movimentos, e a segunda, que houve uma grande colaboração (Dietrich, 2012). No documentário *“Anauê! O Integralismo e o nazismo na região de Blumenau”*, de 2015, os historiadores entrevistados são categóricos em apontar que um integralista podia ser nazista, porém o contrário não é verdadeiro.

O LONGO PERÍODO DA DITADURA MILITAR BRASILEIRA

A ditadura, uma forma de governo baseada em atos coercitivos de caráter autoritário, concentra o poder do Executivo sobre os demais. Conforme o dicionário jurídico escrito por Deocleciano Torrieri Guimarães (2021), as corporações militares governaram o Brasil por um período de 21 (vinte e um) anos até a redemocratização do país, desde 1964 até 1985, sendo apoiadas pelo movimento integralista nacional. Plínio Salgado, ferrenho crítico de João Goulart, dentre outros participantes do Partido Republicano Progressista (PRP) – o qual não foi idealizado por integralistas, mas defendido por estes –, além de ser um dos principais oradores da “Marcha da Família com Deus pela Liberdade” no Estado de São Paulo, articulou pessoalmente o golpe militar, dialogando e convencendo governadores para o andamento do regime. Salgado idealizava, em apoio à ditadura militar, a possibilidade de, finalmente, chegar-se no Brasil o momento suprassumo do integralismo. De forma semelhante ao ocorrido durante o Estado Novo, houve muita esperança falsa durante os primeiros anos da ditadura militar:

Foi inaugurada a ditadura, que inclusive ocasionou o fim do Partido de Representação Popular; no entanto, muitos – inclusive o próprio Plínio Salgado – tinham a expectativa de ser o momento de o integralismo brasileiro, a partir de 1964, finalmente, criar uma organização política-cultural verdadeiramente nacionalista. (Gonçalves; Caldeira Neto, 2020, p. 143).

Já no comando dos militares, a ditadura, para fins educacionais, pode ser dividida em três fases: a primeira, entre 1964-1968, como o período da legalidade; os anos de Chumbo de 1969-1978; e a lenta e gradual reabertura política de 1979-1985. Em sua fase inicial, o governo autoritário tratou de extinguir o pluralismo político, adotando o bipartidarismo em que ARENA e MDB disputavam o poder, sendo a primeira, o sustentáculo do regime militar. Os integralistas, por sua vez, aderiram à ARENA com diversas ressalvas, uma vez que dividiam espaço com “inimigos” que diferiam de muitos de seus ideais. Entretanto, influenciados por Plínio Salgado, cujo movimento integralista gravitava, houve a atuação dentro da ARENA. Acerca disso,

[...] durante a ditadura militar, o integralismo apoiou a ARENA, na qual Plínio cumpriu dois mandatos de deputado federal com a tentativa de criar uma bancada integralista, com a tentativa de radicalizar o regime militar. Até sua morte (milícias do além) Plínio Salgado foi o líder inequívoco do integralismo. A partir de então, surge o movimento neointegralista (VIRA CASACAS PODCAST, 2019, s.p.).

Ademais, Plínio Salgado, fundador do movimento integralista, difundia que o desenvolvimento da sociedade é feito em etapas, sendo elas: politeísta, monoteísta, ateísta e então a sociedade ideal, ou seja, a integralista. A expectativa residia no fato de que a ditadura militar seria o “meio” para se chegar ao poder. Inclusive, houve a movimentação integralista para ocupar cargos de poder e direcionar a política para o cumprimento dos fundamentos do sigma, sendo que a linha dura da ditadura foi muito esperada. Foi a partir “de 1968 e em meio ao aprofundamento das práticas autoritárias, a presença da chamada ‘linha dura’ dos militares na disputa do poder é tratada como uma possibilidade de fascistização do regime militar por setores da direita radical brasileira, nisto incluso os integralistas” (Trindade, 1994, p. 7).

Entretanto, os integralistas não alcançaram a tomada de poder. Muitos deles se afeiçoaram ao regime e os inconformados direcionaram seus esforços na representação do integralismo nas mais variadas áreas de poder – com predileção na educação, objetivo desde o Estado Novo, e comunicação, tendo em vista a doutrinação de gerações futuras para o alcance da sociedade integral. Como os ideais integralistas não colidiam diretamente com o pensamento

militar, diversos membros integraram o regime militar nos poderes judiciário, executivo e com um papel significativo no legislativo. Ainda,

Os ex-integralistas também controlaram muitas posições menores em vários ministérios, a Comissão de Moral e Cívica do MEC e a Superintendência de Desenvolvimento do Sul (SUDESUL), com sua máquina burocrática. Plínio, por sua vez, foi líder do governo na Câmara dos Deputados e teve papel importante na aprovação de leis enviadas pelos militares ao Legislativo (Bertonha, 2015 p. 211).

Como mencionado anteriormente, não houve um choque direto entre os militares e os integralistas. Pelo contrário, houve a colaboração entre estes. Todavia, no senso comum há um embaralhamento de conceitos sociológicos importantes já explorados na primeira seção do presente artigo. A ditadura militar brasileira foi, de fato, um movimento autoritário de caráter modernizante, pode ter traços parecidos com o fascismo e o integralismo. Mas, mesmo que Plínio Salgado destacasse a relevância do referido movimento na articulação do golpe, não houve o comando integralista durante todo o período do regime militar brasileiro.

De acordo com Bertonha (2015 p. 204), “no caso das ditaduras militares, simplesmente chamá-las de fascistas pode ser emocionalmente prazeroso, mas nos impede de compreender a dinâmica de forças dentro de cada uma delas e suas diferenças e proximidades”. No decorrer de toda a ditadura militar, em síntese, em um primeiro momento, houve a comemoração da iminente e falsa chegada da sociedade integralista. Porém, após o Ato Institucional nº. 2, em que se instituiu o bipartidarismo, houve a insatisfação do integralismo, em especial de seu principal representante, Plínio Salgado, que foi usado e enganado. Pode-se apontar esse momento como a alteração da articulação integralista, a qual retornou suas origens e não mais focou em realizar a criação de um partido político, passando a atuar por vias democráticas e buscando a infiltração de seus membros em partidos políticos, cargos do governo e na participação de movimentos intelectuais e culturais. Portanto, foi durante o autoritarismo militar que ocorreu o declínio e também a reformulação do movimento integralista brasileiro.

O NEOINTEGRALISMO NACIONALISTA AUTORITÁRIO NO BRASIL

O projeto de comunicação do integralismo, desde sua criação, foi notável. Este se utilizou de todos os meios possíveis para alcançar a sociedade, principalmente para demonstrar o suposto lado democrático do movimento. Hodiernamente, o avanço da tecnologia e a ampliação dos meios de comunicação, com o advento das redes sociais também influenciaram

para a alteração do *modus operandi* sigma. Plataformas como o *Telegram* e *YouTube* são utilizadas para o impulsionamento e a disseminação do neointegralismo nacionalista, estratégia bastante potente no Brasil, terceiro país que mais consome redes sociais no mundo. Outra implementação que se destacou após o período autoritário do regime militar nacional, foi a Casa Plínio Salgado, a qual centralizou o movimento intelectual, cultural e artístico pretendido pelo integralismo, com a finalidade de angariar mais participantes. Esta casa, por sua vez,

[...] não é um grupo político organizado. Aberta e com atuação até hoje, é mais um local de memória e comemoração. Ela teve importância crucial no início da década de 1980. Em um processo mediado por integralistas das antigas gerações, uma animada geração de novos militantes passou a conhecer o integralismo. Além disso, militantes de outras organizações da extrema direita brasileira transitavam no espaço. Logo, foi gerado um espaço de interação e interlocução constante entre militantes do nacionalismo de direita no Brasil (Gonçalves; Caldeira Neto. 2020, p. 173).

A morte de Plínio Salgado foi um divisor de águas, pois sua liderança dentro do movimento era incontestável. Após seu velório, em que poucos participaram, uma vez que já estavam em disputa de poder, houve, efetivamente, o surgimento do neointegralismo. Isto é, um movimento contemporâneo que “apresenta características que tanto o assemelham com seus antecessores (tendência a militarização, valorização do intelectualismo, fundamentação anticomunista, ideário político determinado pela religiosidade)” assim como “o diferenciam (assimilação de demais grupos cristãos, novas estratégias de publicação das propostas sócio-políticas nas redes sociais da internet)” (Lanza; Neves Júnior; Oliveira, 2018, p. 190).

Além disso, faz-se imprescindível evidenciar que com a subsequente redemocratização do país, o movimento integralista teve que refletir e ponderar seus modos de atuação. Isso ocorreu em razão da notória intenção de todos os movimentos autoritários estarem associados a partidos políticos. Com o integralismo não foi diferente, já durante a ditadura militar reorganizou-se por meio da ARENA e, após, no PRONA, com o presidenciável Enéas Carneiro, ferrenho defensor da bomba atômica.

Mais recentemente, o sigma vê com bons olhos o Partido Renovador Trabalhista Brasileiro (PRTB), que chegou ao Palácio do Planalto com a eleição do general da reserva do Exército Brasileira, Hamilton Mourão. Outros expoentes do partido são Levy Fidelix, que foi presidenciável nos anos de 2010 e 2014 e o *coach* “messiânico” Pablo Marçal, cristão que se tornou popular após conduzir 67 pessoas para o Pico dos Marins, situado na Serra da Mantiqueira do Estado de São Paulo, ocasião na qual todos precisaram ser resgatadas pelo

Corpo de Bombeiros, em razão da falta de profissionais qualificados para realizar a aventura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atuação do integralismo deixou marcas na história brasileira, que é frequentemente rememorada por meio de seus principais integrantes, os quais se tornaram figuras importantes para a formação da história do Brasil – como o arcebispo Dom Helder Câmara, que atuou em prol dos direitos humanos no período da ditadura militar, o poeta Vinicius de Moraes e sua breve participação no movimento e João Cândido, líder da revolta da chibata, assim como o imortal da academia de letras, Gustavo Barroso, que fundou o Museu de História Nacional. O integralismo também revive por meio do legislativo, onde diversos projetos de lei que lá tramitam possuem como pauta política a defesa de princípios integralistas. Este é o caso do retorno da disciplina de educação moral e cívica, ofertada ao ensino fundamental e, além disso, transpassam pelo Brasil homenagens com bustos e nomeação de ruas à políticos integralistas.

Diante do exposto, conclui-se que o integralismo, desde sua fundação, em razão de seu esforço de sobrevivência e articulação, nunca deixou de existir. Pelo contrário, esteve atento e aguardou o momento político favorável para difundir seus discurso e valores. À vista do atual contexto político, a luta eleitoral pela via democrática se demonstra, novamente, viável. Portanto, o movimento integralista persistiu durante o momento democrático por meio da educação e da cultura, não buscando mais organizar-se como um partido político, mas sim como um movimento intelectual. Entretanto, os ideais integralistas penetram o jogo democrático por meio de seus membros, que desde a ditadura militar, vêm ingressando em grande número.

À vista do exposto, a temática percorrida desdobrou-se em outros subtópicos que não foram abordados em razão do formato de artigo, sendo que a limitação do estudo se deu no acesso aos projetos integralistas, uma vez que como não configura partido político e, portanto, não há a publicização de seu manifesto perante a Justiça Eleitoral. A hipótese apresentada, de que houve a alteração do *modus operandi* do movimento integralista e não a sua culminação foi confirmada e, para além disso, pode-se observar que o principal desafio imposto pela reemergência de movimentos nacionalistas pró-integralistas no Brasil é a possibilidade da colisão de liberdades constitucionais dentro do ambiente democrático.

REFERÊNCIAS

- ANAUÊ! O integralismo e o nazismo na região de Blumenau. Direção de Zeca Nunes Pires. Produção de Maria Emilia de Azevedo. Florianópolis: **Mundo imaginário produções cinematográficas**. 2017. Disponível em : <https://www.youtube.com/watch?v=srcitNSPXgQ>. Acesso em: 31 maio 2024.
- BERTONHA, João Fábio. Sobre Fascismos e Ditaduras: a herança fascista na formação dos regimes militares do brasil, argentina e chile. **Revista de História Comparada**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 203-231, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/RevistaHistoriaComparada/article/view/2356>. Acesso em: 13 maio 2024.
- CALDEIRA NETO, O. “Adeus, verde esperança!”: integralismo e a morte de Plínio Salgado. **Locus: Revista de História**, [S. l.], v. 25, n. 1, p. 1–19, 2019. DOI: 10.34019/2594-8296.2019.v25.27505. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/27505>. Acesso em: 13 maio 2024.
- DIETRICH, Ana Maria. **Nazismo Tropical? O partido nazista no Brasil**. São Paulo: Todas as Musas, 2012.
- DORIA, Pedro. **Fascismo à brasileira**: como o integralismo, maior movimento de extrema-direita da história do país, se formou e o que ele ilumina sobre o bolsonarismo. São Paulo: Planeta do Brasil, 2020.
- DOTTA, Renato Allencar. **Um esboço necessário sobre a trajetória do integralismo brasileiro**: da AIB ao ciber integralismo (1932 a atualidade). Boletim do Tempo Presente, nº. 03, de 12 de 2012, p. 1-15. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/tempopresente/article/view/4156/3441>. Acesso em: 16 maio 2024.
- GONÇALVES, Leandro Pereira; CALDEIRA NETO, Odilon. **O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2020.
- GUIMARÃES, Deocleciano Torrieri. **Dicionário jurídico**. 25 ed. São Paulo: Rideel. 2021.
- LANZA, F.; NEVES JR, J. W. A.; OLIVEIRA, A. C. R. de. A(s) Marcha(s) da Família, com Deus pela Liberdade (1964-2016): pensamento conservador católico e cristão no século XXI. **Caminhos - Revista de Ciências da Religião**, Goiânia, v. 16, n. 1, p. 181-195, 2018. DOI: 10.18224/cam.v16i1.6360. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/6360>. Acesso em: 19 maio 2024.
- SCARRONE, Marcello. Entrevista com Héglio Trindade – “O integralismo foi rejeitado pela História brasileira como um pesadelo dos anos 30. E espero que definitivamente”. **Revista de História**. 26 de outubro de 2010. Disponível em <https://web.archive.org/web/20160412130634/http://rhbn.com.br/secao/capa/entrevista-com-helgio-trindade>. Acesso em: 15 maio 2024.

TRINDADE, Hélió. O radicalismo militar em 64 e a nova tentação fascista. *In*: SOARES, Gláucio Ary Dillon; D'ARAÚJO, Maria Celina (Orgs.). **21 anos de regime militar**: balanços e perspectivas. Rio de Janeiro: FGV, 1994.

VIRA CASACAS PODCAST: #101. **Integralismo**: a volta dos que não foram. Com Odilon Caldeira Neto, fev. de 2019 Produtora: Podcast. Disponível em:
<https://open.spotify.com/episode/5QTTHTIbed43VaxQaJWgpM?si=64f091d39dc74470>.
Acesso em: 13 maio 2024.